

CLAUDIA LOEWENBERG PASSALACQUA

ESTUDO SOBRE UM INSTRUMENTO DE ESCRITA DESIGNADO
AUTO-RETRATO PARA A EXPRESSÃO DO INDIVÍDUO

MESTRADO EM LINGÜÍSTICA APLICADA E
ESTUDOS DA LINGUAGEM

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2007

CLAUDIA LOEWENBERG PASSALACQUA

ESTUDO SOBRE UM INSTRUMENTO DE ESCRITA DESIGNADO
AUTO-RETRATO PARA A EXPRESSÃO DO INDIVÍDUO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da
Linguagem, sob orientação da Prof^a. Dr^a. *Aglael
Gama Rossi*.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

2007

BANCA EXAMINADORA

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

Assinatura: _____

Local: _____ Data: _____

AGRADECIMENTOS

- À professora Aglael, pela orientação precisa, profunda e incentivadora.
- A Adail Sobral, Laura Martz e Marion G. Raucher, pela disponibilidade em participar da banca examinadora e pelas valiosas contribuições.
- Ao LIAAC: Profa. Sandra Madureira e Ângela Brito, pelo incentivo e companheirismo.
- Ao Lael, professores e funcionários, pela oportunidade de realizar este trabalho.
- A Álvaro Duran, pelo seu incentivo e confiança.
- Aos meus amigos, pelo incentivo e solidariedade, Ely, Bia, Carmem, Gisela, Elisa.
- Aos meus companheiros de vida, por nossa união e afeto no passar desta vida: Lélío, Pedro, Julio e Ellen.

RESUMO

Este trabalho investiga um instrumento de escrita, intitulado Auto-Retrato, destinado a coletar dados sobre a expressão psíquica do indivíduo. Trata-se de um questionário de trinta e cinco questões, abertas, dirigidas ou semi-dirigidas, no qual a ordem das respostas é livre, assim como o fato de que algumas questões podem vir a ser respondidas inúmeras vezes e outras, nunca serem respondidas. O instrumento foi utilizado num grupo de mulheres, encaminhadas, pela saúde mental, a um posto de saúde da periferia de São Paulo. As mulheres pertenciam a classes sócio-econômico-culturais baixa e média baixa, em sua maior parte, com poucos anos de escolaridade, mas, no, geral, com experiência de trabalho, na faixa etária de 30 a 60 anos. Chegaram ao posto de saúde via encaminhamentos de psiquiatras e psicólogos, com queixas de depressão, estresse, entre outras. O grupo era coordenado pela psicóloga-pesquisadora e por uma terapeuta ocupacional. Inicialmente, seu objetivo era realizar atividades manuais e paralelamente a elas criar um espaço para a fala e escuta das mulheres entre si e pelas terapeutas. Ao apresentar o questionário às mulheres, a psicóloga-pesquisadora leu a elas suas instruções, suas questões, explicou-lhes as formas de utilização, juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O questionário era mantido no posto de saúde e apenas cada mulher e as terapeutas tinham acesso a ele. Devido a todas as condições que envolvem um atendimento público - assiduidade, pontualidade, continuidade do atendimento, entre outras - o emprego do Auto-Retrato não ocorreu de modo constante em todas as sessões e nem foi igualmente usado por todas as mulheres.

Como as atividades eram decididas pelo grupo e no início de seu funcionamento, foi difícil manter a unidade do grupo, com algumas mulheres respondendo-o em todas as sessões, até por se tratar de um espaço físico comum. As questões do Auto-Retrato tinham como objetivo caracterizar a realidade dessas mulheres: vivências cotidianas, vida familiar e profissional, aspectos emocionais, psicológicos e existenciais, conhecimento de mundo e visava ser um continente para a expressão dessa realidade por meio da escrita.

.. O emprego do Auto-Retrato teve como objetivo psicoterapêutico investigar a eficácia da escrita para a manifestação de conteúdos psíquicos subjacentes, não importando a variável de a escrita ser realizada por mulheres com diferentes graus de letramento. A escrita tem natureza diferente da fala, fixando-se no tempo, sendo registrada de uma forma permanente, e evocando um compromisso diferente com conteúdos conscientes e inconscientes. Inicia um processo de interiorização no indivíduo, possibilitando uma volta aos conteúdos veiculados. Por meio de seu exercício, processos e memórias são trazidos à consciência e modificados quando revividos. Este trabalho se constituirá em um estudo de caso, na medida em que focará o Auto-Retrato de uma mulher em específico, quem, por ter chegado ao grupo sentindo-se especialmente mal, foi, desde o início, atendida paralelamente de modo individual pela psicóloga-pesquisadora. As mesmas regras estabelecidas para o uso do Auto-Retrato no grupo, foram usadas para sua aplicação na terapia individual. Para a análise do texto escrito do Auto-Retrato os modelos teóricos empregados foram as redes semânticas, formadas pelas palavras que se repetiam no texto escrito, e o referencial teórico de Jung, principalmente, no que se refere aos tipos psicológicos por ele propostos.

Palavras-chave: Instrumento de Escrita, Auto-Retrato, Grupo Terapêutico, Posto de Saúde, Mulheres.

ABSTRACT

This paper investigates a writing tool, namely Self-Portrait, whose aim is to collect data on an individual's psychic expression. It comprises a 35 question questionnaire, made up of open-ended directed and self directed questions. The order of the answers is random, and some questions may be answered many times while others may never be answered. This writing tool was used in a group of psychologically disturbed women, who had been referred to a state health center in the outskirts of São Paulo city. Most women belong to the low and low-middle classes, with very few years of schooling, but, in general, with working experience, in the 30-60 age bracket. They were referred to the state health center by psychiatrists and psychologists, due to chief complaints such as depression, stress, etc. The group was coordinated by the research-psychologist and by an occupational therapist. Initially, the treatment aimed to engage the group in manual tasks and provide them with some space in which they could air their problems. On presenting the questionnaire to the women, the research-psychologist read them the instructions, their questions, and explained the procedures as well the terms of agreement. The questionnaire was kept in the health center and apart from the subjects and the therapist, nobody else had access to them. Due to all the conditions of public service – assiduity, punctuality, follow-up sessions, among others – the use of the self-portrait was not constant in all the sessions and wasn't equally used by all the women.

Since the activities were decided on by the group and took place in the initial phases of the group's functioning, it was hard to maintain group cohesion, as some women answered the questionnaires in each session while others took longer to write. These differences were inevitable once all the women shared a common physical space. The self-portrait questions aimed at categorizing those women's realities: routine, family and professional life, emotional, psychological and existential aspects and world knowledge. Moreover, the written account of their life experiences served as an outlet for the free expression of their reality.

The therapeutical aim of the self-portrait was to investigate the efficiency of writing as a mechanism to surface the underlying psychic information, despite the fact that this written account was produced by women of varying literacy levels. Writing differs from speech in that writing can be crystalized in time, once it can be registered permanently. Besides, writing entails a distinctive connection between conscious and unconscious contents. It leads the individual into an introspective journey, allowing for the re-enactment of past experiences. By means of this exercise, processes and memories are brought to the consciousness mind and may be modified when experienced again. This study falls into the category of case study, once it focus on aspect's of a specific woman's life: someone who, upon joining the group, felt incredibly miserable and was, from the very beginning, given special treatment by the research-psychologist. The same rules which applied for the self-portrait within the group were used in private consultations. Semantic networks, formed by words that were repeated along the text, were used for the analysis of the written accounts, following Jung's Model of Typology.

Key-words: Writing tools, self portrait, therapeutical group, state health center, women.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REVISÃO DA LITERATURA	20
2.1. Breve história da relação entre fala e escrita	20
2.2. Diferenças entre língua falada e língua escrita	21
3. METODOLOGIA	41
3.1. Escolha do Método	41
3.2. Contexto do Estudo.....	43
3.3. Sujeitos do Estudo	44
3.4. Instrumento de Levantamento de Dados	44
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	50
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
7. ANEXO	71

1.

INTRODUÇÃO

Este estudo teve início com a proposta de utilizar um questionário para evocar a escrita de mulheres participantes de um grupo terapêutico de um posto de saúde do município de São Paulo. O questionário, designado Auto-Retrato (doravante AR), foi elaborado com vistas a uma aproximação da realidade dessas mulheres, no sentido daquilo que a escrita poderia revelar a respeito de suas questões emocionais, vivências e auto-conhecimento, ou, ainda, de como seus conteúdos psíquicos mais subjacentes e profundos poderiam ser manifestados por meio da escrita, paralelamente à fala, o instrumento psicoterapêutico mais tradicional.

A pesquisadora formou-se em Psicologia pela PUC-SP, em 1976, com especialização em Psicoterapia Infantil, de Adolescentes e de Adultos, na linha junguiana, e, desde então, trabalha em

consultório, em atendimento individual, realizando esporadicamente *workshops* com grupos de pacientes, utilizando métodos verbais, corporais, de imaginação ativa, entre outros. A pesquisadora trabalhou na Prefeitura, desde 1991, inicialmente, em posto de saúde com atendimento clínico, individual e em grupos de prevenção em saúde pública, tais como AIDS e hipertensão, abordando as questões psicológicas relacionadas a essas doenças, e também com grupos específicos de adolescentes, idosos e mulheres. Posteriormente, de 1996 até 2001, trabalhou como supervisora de Centros de Juventude (SAS – Secretaria de Assistência Social), que atendem à faixa etária de 7 a 18 anos. Nessa época, participou da realização do II, III e IV Concursos de Literatura Infanto-Juvenil da Capela do Socorro, zona sul de São Paulo. Para isso, foram realizados Cursos de Criação Literária dirigidos aos coordenadores de CJ, com o objetivo de formá-los para o acompanhamento das crianças e jovens na elaboração de textos. Nessa época, a pesquisadora teve contato com o processo de manifestação do indivíduo na escrita.

De volta ao grupo do qual partiram os sujeitos estudados neste trabalho, ele foi criado pela psicóloga-pesquisadora e uma terapeuta ocupacional do posto de saúde. A motivação inicial foi utilizar um tipo de atuação conjunta, ou seja, um grupo terapêutico verbal, aberto a outros tipos de atividade terapêutica, de cunho

ocupacional, de escrita e ainda de atividades externas, tais como uma visita à exposição de Picasso, no MAC, e um passeio ao Parque da Previdência, ambos realizados em 2004.

Na visita ao museu, o grupo foi acompanhado pelo monitor da exposição e pôde ser observado que o interesse das mulheres por bens culturais era passível de ser modificado, ampliado, eliciado, uma vez que elas se mostraram interessadas e relataram a experiência como gratificante. Verbalizaram conteúdos que apontavam para uma percepção da obra visitada e sua problemática, quando referiram, por exemplo, que o artista ia “*pintando mulheres cada vez mais feias*” ao longo da exposição, entrando, assim, naquele momento, em contato com o mundo da estética formal.

Na época da formação do grupo, as usuárias foram selecionadas entre pessoas que procuraram ou a psicóloga-pesquisadora, ou a terapeuta ocupacional, ou o psiquiatra do posto. A demanda masculina simplesmente não surgiu ou não atendeu à oferta dos profissionais. Em termos do funcionamento do grupo, foi fixado um dia, uma duração (de uma hora e meia) e um horário de início e término, não havendo cobrança de presença mínima obrigatória para a permanência no grupo. Em seu primeiro contato, o sujeito era recebido, apresentado por uma das terapeutas aos demais e também se apresentava, falando o que e o quanto quisesse sobre si mesmo.

Em seguida, da mesma forma, os outros se apresentavam a ele. A nova usuária, então, era introduzida na atividade em curso, se assim o quisesse. Ao final da primeira participação do sujeito no grupo, as terapeutas faziam uma breve anamnese. O grupo funciona desta forma até hoje.

O interesse pela investigação da escrita emergiu como método terapêutico que, ao ser utilizado, pudesse, entre outros: (1) ampliar possibilidades terapêuticas; e (2) verificar sua eficácia, tendo em vista o fato de a escrita possibilitar o contato com conteúdos psíquicos mais profundos do indivíduo (Bruns e Holanda, 2005).

O AR constitui um instrumento em forma de questionário ou um conjunto de questões abertas e dirigidas ou semidirigidas que dizem respeito a aspectos os mais variados da existência das mulheres, que têm importância e são instigantes como forma de evocar vivências, memórias e propiciar novas sínteses no âmbito psíquico. Tudo isso foi observado, de modo significativo, no trabalho realizado por Souza (2005), com o uso do Auto-Retrato, em outra versão, para adolescentes entre 14 e 18 anos, participantes de um grupo que visava lidar com conceitos de cidadania, na ONG Casa dos Meninos (Souza, 2005).

As questões abrangem aspectos de cunho pessoal, como a história biográfica (nascimento, composição familiar, classe social,

história escolar, formação profissional, trabalho, casamento, filhos, saúde física); o conhecimento de mundo (outros bairros e cidades, além de São Paulo, acesso à leitura, filmes, ida a museus, exposições e teatro; história psicológica (sonhos, desejos conscientes e inconscientes, relações familiares, mudança de profissão, casamento, separação, mudança de cidade, relacionamentos, auto-imagem). Enfim, o AR é constituído tanto de questões mais concretas quanto de questões mais abstratas ou centrais, ou seja, daquilo que compõe a vida física e psíquica do sujeito.

Iniciamos o uso do Auto-Retrato, em agosto de 2005, com o grupo, na época, formado pelas seguintes mulheres:

**Quadro 1: Caracterização das Mulheres que compõem
o Grupo de Atividades**

M1: 30 anos. Casada há 15 anos. Três filhas. Costureira. Trabalha em casa por produção. Escolaridade: colegial completo.	M2: 35 anos. Casada há 14 anos. Duas filhas. Trabalha como faxineira em uma creche conveniada à prefeitura. Toma medicação psiquiátrica há cerca de dois anos. Escolaridade: 2ª série do 1º grau.	M3: 59 anos. Casada. Três filhos, dois casados, um filho temporão de 16 anos. Trabalhou a vida toda como faxineira. Parou de trabalhar e está sob tratamento em psiquiatria há 5 anos. Alfabetizou-se recentemente.
M4: 61 anos. Separada, teve quatro filhos. Tem um pequeno comércio em frente à sua casa. Escolaridade: 1º grau completo.	M5: 30 anos. Solteira. Vive com a mãe. O pai faleceu recentemente. Há dois anos, necessita de tratamento psiquiátrico. Não trabalha. Tem dificuldade para conseguir emprego. Escolaridade: 2º grau completo. Fez curso para protética.	M6: 38 anos. Casada, tem um filho de 20 anos. É auxiliar de enfermagem. Não trabalha porque faz tratamento de saúde há dois anos. Retomou a atividade profissional agora. Escolaridade: 2º grau completo, curso técnico de atendente de enfermagem e de informática, durante um ano.
M7: 55 anos. Separada. Três filhos adultos e solteiros que vivem com ela. Trabalhou a vida toda e está desempregada há um ano e meio. Comprou casa própria. Tem problemas familiares e de saúde. Escolaridade: 2º grau incompleto.	M8: 55 anos. Casada, tem três filhos. Dona de casa. Atualmente, procura trabalhar fora. Marido viaja constantemente. Trata-se em psiquiatria há dois anos. Escolaridade: 1º grau completo.	M9: 52 anos. Separada. Sempre trabalhou sustentando a casa. Perdeu seu emprego há dois anos. Agora, está com trabalhos de faxina. Tem problemas clínicos de saúde e problemas familiares constantes.

Estas mulheres chegaram ao posto de saúde por meio de encaminhamentos dos setores de psiquiatria, psicologia e por demanda espontânea. Como foi dito anteriormente, o objetivo era realizar um grupo terapêutico, com escuta psicoterapêutica e utilizando recursos de terapia ocupacional. Assim, materiais para a realização de atividades manuais (lã, panos, tinta para tecido, papel etc.) foram trazidos para compor as sessões. As mulheres não mantinham nenhum contrato para sua participação no grupo no que diz respeito a assiduidade e pontualidade, que nem sempre são respeitadas pelas características de vida dos usuários de serviço público.

Quando iniciamos a pesquisa com o AR, ele foi levado ao grupo para que se tornasse uma das atividades. Vale notar que as mulheres que compunham o grupo, conforme observado no Quadro 1, colocado acima, pertenciam predominantemente à classe socioeconômica e cultural média ou baixa. São mulheres que possuem um conhecimento de mundo bastante restrito ao seu universo físico mais próximo, tendo poucos recursos para acessar bens culturais e econômicos, vivendo numa situação de vida muito ligada ao *concreto* das tarefas cotidianas repetitivas. Para tais mulheres, o mundo exterior é cercado de certo receio ou temor por desconhecimento dele, o que por sua vez pode, muitas vezes, levar à dificuldade em apreendê-lo, manipulá-lo ou dele apropriar-se. Esse é um dos motivos que tornam

suas práticas de linguagem diferentes, como se sabe ser característico da língua entre as diversas camadas socioeconômicas e culturais (Tarallo, 1985).

Por outro lado, em nossa sociedade caracteristicamente individualista, o hábito de partilha, principalmente por parte de pessoas que ficaram alijadas dos bens econômicos, educacionais e culturais, é visto com bastante receio, o que faz da convivência, na formação de um grupo, um primeiro e grande desafio a ser transposto. Isso se reflete na dificuldade de as mulheres falarem sobre si mesmas e, ao mesmo tempo, escutarem umas às outras. Em ambas as situações está envolvido, em diferentes graus, o receio de como aquilo que se fala é recebido pelo outro e, ao mesmo tempo, de mobilizar-se com a escuta do outro. São inúmeras as resistências envolvidas num processo terapêutico, seja ele individual ou em grupo. O AR, por ser um instrumento de escrita, pode provocar “fantasias” sobre sua finalidade e uso, podendo ser relacionado ao formulário mantido pelo posto de saúde sobre os pacientes e “suas doenças” ou a documentos (uma vez que a escrita registra, documenta, é *o preto no branco*) que poderiam ser usados contra elas, entre outros.

Apesar de as mulheres apresentarem muitos aspectos em comum, já relacionados, o envolvimento terapêutico é um dado totalmente desconhecido para elas, na maioria das vezes. Num grupo

que realiza atividades, podemos entendê-las como um objeto intermediário, facilitador da comunicação e da formação de vínculos. A fala surge espontaneamente nesse contexto, podendo relacionar-se à vivência da atividade ou trazer conteúdos totalmente diversos, não diretamente relacionados ao momento, mas importantes para quem fala.

De início, conforme esperado, o AR foi mais bem recebido por parte de algumas mulheres do que outras (isso será mais bem explicado no capítulo de Metodologia). Para uma das mulheres, com muita dificuldade de leitura e escrita, a terapeuta ocupacional serviu de escriba. Contudo, o AR não foi sistematicamente aplicado em todas as sessões, por diversos motivos. Primeiramente, foi necessário um tempo para que as mulheres se habituassem ao instrumento, demonstrando seu grau de aceitação. Em segundo lugar, algumas mulheres necessitavam de um tempo maior para respondê-lo. Isso tudo impingia um ritmo diferente aos sujeitos do grupo, o que interferia em seu funcionamento. Como a utilização do AR não era consenso no grupo, insistir em seu uso por todas causava uma divisão no grupo. As questões relativas ao Termo de Esclarecimento, ao Termo de Consentimento e à leitura em voz alta da Instrução do AR e de suas questões pela psicóloga-pesquisadora do grupo serão mais bem esclarecidas na Metodologia.

No decorrer do trabalho, o AR foi utilizado mais vezes por duas mulheres, o que permitiu uma análise mais aprofundada dos conteúdos de suas escritas. Uma dessas mulheres era atendida em psicoterapia individual, quinzenalmente, pela psicóloga-pesquisadora, dada a sua demanda quando chegou ao serviço, e concomitantemente fazia parte do grupo. Isso também ocorreu com outras mulheres que já haviam passado por atendimento individual no posto e que foram encaminhadas para o grupo. Portanto, com essa mulher que manteve, no momento da realização da coleta de dados, as duas terapias, individual e em grupo, o AR foi também aplicado na terapia individual. O contrato psicoterapêutico foi mantido, no sentido de o AR ser aplicado apenas quando a paciente demonstrasse interesse em fazê-lo.

A maior parte da Análise de Dados se fundamentará na escrita e história de M1, a mulher que respondeu com mais sistematicidade ao AR, tanto nas sessões individuais como no grupo no posto de saúde. Contudo, serão também utilizados trechos do AR de outras mulheres.

Cada questão do AR contém palavras, em sua formulação, que, como será visto na Análise e Discussão dos Dados, suscitaram conteúdos bem diferentes. É interessante notar como cada AR caminha para campos semânticos diferentes. Ao ser respondido, ele

atualiza na escrita as memórias internas, o conteúdo latente momentâneo, o complexo psicológico subjacente, no sentido junguiano, a própria expressão da mulher por meio da escrita, entendida como sistema lingüístico; a pessoa (psique) que ali se manifesta. Apesar de seu conteúdo único (mesmas questões), o AR suscita diferentes manifestações e/ou caminhos entre as diferentes mulheres.

À Introdução, segue-se a Revisão da Literatura, a Metodologia, a Apresentação e Análise dos Dados, e por fim, as Considerações Finais.

2.

REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Breve história da relação entre fala e escrita

A relação entre a língua falada e a língua escrita, segundo Bayard (1994), é uma preocupação da humanidade há milênios, presente em toda a história da escrita (há aproximadamente 4 mil anos), desde suas origens até a atualidade. Portanto, possivelmente não haverá uma resposta definitiva ao problema dessa relação, uma vez que a invenção de novos instrumentos de escrita continua deslocando a fronteira entre seus usos e os da língua falada.

Segundo o autor (op. cit.), a problemática da relação entre língua falada e língua escrita suscita problemas na pesquisa, no que diz respeito à passagem da fala à escrita. O autor refere que a invenção da escrita não ocorreu para duplicar o oral, mas para

completá-lo. Cita Jack Goody (1979 apud Bayard, 1994), para quem a comunicação por meio da escrita difere da comunicação por meio da língua oral, uma vez que a escrita transforma a própria prática da linguagem, ao se dirigir à visão.

2.2. Diferenças entre língua falada e língua escrita

Luria (2001) refere que faltam meios complementares não-verbais à expressão escrita, uma vez que ela não leva em conta o conhecimento da situação por parte de quem escreve nem o contato simpráxico, não dispondo de meios tais como gestos, mímica, entoação etc., que na língua falada desempenham o papel de marcadores semântico-pragmáticos. A língua falada é o primeiro meio de comunicação natural entre a criança e a comunidade lingüística. De início, trata-se de uma linguagem simpráxica, que logo se transforma em uma forma autônoma de comunicação verbal. O importante em relação à língua falada é que nela sempre estão presentes os elementos da situação prática.

Para Bayard (1994), na escrita, o que é dito é dito definitivamente. A linha que impõe uma direção no sentido geométrico propõe pelo menos dois sentidos: o olhar tanto pode deslizar para a frente como frear, ou voltar atrás, ou saltar de um parágrafo a outro.

Por ser um objeto com mais de uma dimensão, a escrita oferece ao leitor percursos não permitidos ao ouvinte. Da mesma forma que Bayard (op. cit.), Luria (2001) reafirma que a diferença entre os processos de compreensão da língua escrita e da língua oral encontra-se no fato de que sempre é possível reler aquilo que foi escrito, podendo o escritor voltar, se quiser, aos elementos do texto, o que não é possível na língua oral.

Bayard (1994) diz que a palavra falada é fluida, porque não se pode apreender simultaneamente o fluxo presente e aquilo que ainda vai se desenrolar, uma vez que as palavras ocorrem em sucessão com deslocamentos de sentido que são possibilitados por variações lingüísticas (tais como aquelas decorrentes da interação em presença). O ouvido não percebe concomitantemente dois ou mais termos, ao passo que a escrita apresenta-se em sua totalidade, permitindo comparar os usos de um mesmo elemento e revelando suas variações.

Mainqueneau (1996) diz que a linguagem é “uma atividade que modifica uma situação, fazendo com que o outro reconheça uma intenção pragmática; visto que a enunciação é pensada como um ritual baseado em princípios de cooperação entre os participantes do processo enunciativo. A instância pertinente em matéria de discurso não será mais o enunciador, mas *o par formado pelo locutor e pelo*

interlocutor, o enunciador e seu co-enunciador, para retomar um termo de A. Culioli. O EU não passa do correlato do TU, um TU virtual; o presente da enunciação não é apenas o do enunciador, mas um presente compartilhado, o da interlocução (...), concepção saussuriana que via na língua uma *instituição* cuja estabilidade era garantida pelo murmúrio incessante dos *intercâmbios* verbais”. A nosso ver, a diferença entre a fala em presença e a escrita mediada aparece, no preenchimento do Auto-Retrato, por meio das possibilidades da escrita como ato solitário, que suscita a interiorização, diferentemente do momento da relação interpessoal direta na fala.

Luria (2001) afirma que o monólogo escrito pode ser visto como comunicação, de narrativas, de expressão de idéias, de raciocínios etc. A diferença entre o diálogo e o monólogo orais em relação à língua escrita instaura um estado psicológico diferente. O monólogo escrito, a princípio, pode parecer uma linguagem sem interlocutor, pois poderia se cogitar simplesmente que seu motivo e projeto iniciais são determinados e dirigidos somente e para o próprio sujeito. Se os motivos são o contato, o desejo e a demanda daquele que escreve, então, o monólogo escrito representa mentalmente aquele a quem se dirige. O processo de controle da linguagem escrita fica dentro dos limites da atividade do escritor, sem interferências, a princípio, por parte do interlocutor. Quando o escritor escreve para

tornar precisos conceitos ou idéias, não há nenhum interlocutor como na relação de indivíduos em presença, e o sujeito que escreve o faz para tornar mais exatos seus próprios pensamentos, para verbalizá-los, desenvolvê-los, sem nenhum contato mental com outra pessoa (Luria, 2001).

O texto escrito é separado por meio da pontuação ou parágrafos e utiliza meios gramaticais desdobrados na língua, uma vez que as regras que regem a construção gramatical da língua oral são totalmente distintas daquelas que regem a construção da língua escrita (Perini, 2001).

Para Luria (op. cit.), o ato de escrever facilita a clarificação das idéias, porque a linguagem escrita, enquanto um trabalho sobre o meio e a forma da enunciação, tem grande importância na formação do pensamento. De um lado, é preciso realizar operações conscientes com categorias verbais, o que ocorre mais lentamente do que na língua falada; de outro lado, voltar ao que já foi escrito para controlar conscientemente as operações que se realizam. O processo, por exemplo, de elaborar um artigo científico ou de outro tipo pode ilustrar como uma idéia torna-se mais clara com a ajuda da escrita.

Luria (2001) afirma que, ao aprender a língua escrita, na fase adulta, uma pessoa não a domina suficientemente, transpondo

processos da língua falada para a língua escrita. Contudo, mesmo nesses casos, o autor ressalta que aquele que escreve comunica sobre o ato da escrita: é dito quem escreve, é enunciado aquilo que se deseja transmitir e são descritos os atos que ocorrem durante a ação de escrever. Ou seja, para Luria (op. cit.), o sujeito adulto que se encontra nesse estágio de domínio da língua escrita escreve como fala e como age.

Scliar-Cabral (2003) acrescenta que a reificação ou conceituação “possibilita a reflexão tanto na modalidade oral quanto na escrita, mas em virtude de esta última ser permanente, permite um pensamento reflexivo muito mais aprofundado, com várias voltas possíveis aos trechos mais difíceis. Por isso, o pensamento filosófico e o científico só surgiram com o advento da escrita. (...) tanto o redator como o leitor têm o privilégio de controlar o tempo nelas envolvido (leitura e escrita), conforme a complexidade da tarefa e até que obtenham o resultado almejado”. Tanto a modalidade oral quanto a escrita podem ser usadas como instrumento de reflexão sobre a própria língua ou sobre qualquer outro sistema semiótico, mas, novamente, existem limites comprovados para se fazer metalinguagem somente com o sistema oral.

Morais (1996) diz que a escrita não é apenas uma “conduta de exílio, fora do intercâmbio vivo das palavras proferidas” (conforme,

C.Hagège, *L'Homme de paroles*). No que se refere às capacidades cognitivas, a escrita e a fala são colaboradores muito eficazes. Segundo o autor (op. cit.), as capacidades cognitivas são estruturadas num sistema complexo que compreende conhecimentos ou representações e processos que operam esse conhecimento.

Scliar-Cabral (2003) considera que “O efeito mais importante sobre a transmissão cultural, se considerarmos o *continuum* que vai da modalidade oral à escrita, é determinado pelos limites da memória imediata, operacional e permanente”. Em relação à primeira, também chamada de curto prazo ou *short term memory*, ela fixa por millessegundos os sinais captados pelos sentidos, o que em termos de fala significa a fixação auditiva de uma fatia equivalente a um enunciado. Com relação à memória operacional ou de trabalho ou *working memory*, seu papel é processar sucessivamente as informações no cérebro, como aquelas que permitem o reconhecimento das palavras. Por fim, a memória de longo prazo, ou *long term memory*, refere-se àquela na qual são arquivados, tanto de modo estrutural como de modo dinâmico, os conhecimentos de mundo: a experiência de vida, a memória das faces, das vozes, os esquemas onde se encaixa nosso viver cotidiano.

Jones (1978; 1982a; 1987 apud Eysenck e Keane, 1994) afirma que o recordar é um processo bastante trabalhoso porque

envolve a evocação de possíveis itens, seguida por decisões a respeito da sua adequação. Para ele, o recordar funciona como uma combinação direta entre a informação disponível no momento do recordar e a informação armazenada na memória de longo prazo.

Tulving (1972 apud Ulloa 2006) concebe um modelo para a memória semântica, que é a necessária para o uso da linguagem, pois organiza o conhecimento que as pessoas têm sobre as palavras e outros símbolos verbais, seus significados e referentes acerca das relações entre eles e as regras, fórmulas e algoritmos para a manipulação dos símbolos, conceitos e relações. Lachman, Lachman e Butterfield (1979 apud Albuquerque e Pimentel, 2004) relatam que a memória semântica leva em conta a capacidade humana para construir a realidade, numa interpretação interna, e por meio desta se interpretam as experiências passadas, realizam-se previsões e atribuições de causas e também se conectam idéias velhas em novas sínteses.

Segundo Ferreira (2004), esquecimento e memória andam juntos. O “branco” ou esquecimento pode ser menos acidental que o episódio criador (Zumthor, 1985 apud Ferreira, 2004). Esquecimento e memória podem ser vistos aparentemente como opostos, mas, de fato, formam um instrumento conjunto e indispensável em projetos narrativos que lidam com eixos de conflito (Ferreira, op. cit.). No

interior do relato ou da narrativa, formam-se núcleos nos quais lembrar é um fluxo, um processo, uma razão para a expressão do ser (*de si mesmo*) e, então, o ato de esquecer pode tornar-se o motivo daquilo que se desenvolverá na ação: da fala, da escrita ou fora delas (na ação propriamente dita, na experiência com o mundo). Pode-se cogitar também se o esquecimento é responsável pela memória, e até mesmo pela lembrança e pela perda da lembrança. Ferreira (2004) cita Levi-Strauss (em seu livro *Mito e Esquecimento*, comentado em Carvalho, 1986), que afirma que o esquecimento quebra a continuidade na ordem mental, sendo responsável pela criação de uma outra ordem. Lapso, hiato, fratura, ressurgimento têm a ver com a interrupção ou mudança de projeto, tanto de vida e de ação como de narrativa, levando a uma espécie de morte momentânea, ritualizada, que dá lugar ao fluxo da vida (Van Gennep, 1972 e Mircea, 1966 apud Ferreira, 2004).

O esquecimento, assim, pode se transformar em um mecanismo de memória, uma vez que a cultura concebe a si própria como existente. Se enxergarmos tradição como uma espécie de reserva conceitual, icônica, metafórica, lexical e sintática, que compõe a memória das pessoas, veremos que aí se formam também os buracos do “esquecimento”. Surge a questão de entender a falha de memória, lapso, hiato etc. Podemos até ver se o “branco” pode ser

menos accidental do que o fato. “A dupla esquecimento-memória é, portanto, uma aparente oposição” (Ferreira, 2004).

Para Levi-Strauss (em seu livro *Mito e Esquecimento*, comentado em Carvalho, 1986), o esquecimento é responsável pela continuidade, pela memória e pela lembrança. Segundo ele, o esquecimento vem quebrar uma continuidade na ordem mental criando uma outra ordem.

Para Bergson (1959 apud Bosi, 1995), na realidade não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Com isso, Bosi diz que Bergson adensa o que parecia simples, ou seja, a percepção não é apenas o resultado entre o ambiente e o sistema nervoso, mas a lembrança impregna as representações. Bosi coloca que Bergson recorre “ao pressuposto de uma conservação subliminar, subconsciente, de toda a vida psicológica já transcorrida”. Somos tentados, na esteira de Bergson, a pensar na etimologia do verbo. *Lembrar-se*, em francês *se souvenir*, que significaria um movimento de “vir de baixo”: *sous-venir*, vir à tona o que estava submerso. Esse afloramento do passado combina-se com o processo corporal e presente da percepção. Diz Bergson: “Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos, nós misturamos milhares de pormenores da nossa experiência passada. Quase sempre essas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais retemos,

então, apenas algumas indicações, meros ‘signos’ destinados a evocar imagens antigas”.

Com isso, Bergson (1959 apud Bosi, 1995) atribui à memória, de acordo com Bosi, uma função decisiva no processo psicológico total: segundo Bosi, “a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo ‘atual’ das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”.

Bosi (1995) diz que, para Bergson, “as lembranças estão na cola das percepções atuais, ‘como a sombra junto ao corpo’ ”, e que a memória seria o “lado subjetivo de nosso conhecimento das coisas”. Se há lembrança, não há mais percepção pura. Por isso, segundo Bosi (op. cit.), Bergson distingue entre “percepção concreta e complexa, a única real, pois a percepção pura do presente, sem sombra de nenhuma memória, seria antes um conceito-limite do que uma experiência corrente em cada um de nós. (...) o que o método introspectivo de Bergson sugere é o fato da conservação dos estados psíquicos já vividos; conservação que nos permite escolher entre as alternativas que um novo estímulo pode oferecer”. A autora continua

dizendo que, para Bergson, “A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação [do pensamento, da ação] e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. (...) a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida” (Bosi, 1995). Para esclarecer “a (...) diferença entre o espaço profundo e cumulativo da memória e o espaço raso e pontual da percepção imediata”, Bérqson empregou a figura do cone invertido: “na base estariam as lembranças que ‘descem’ para o presente; no vértice, os atos perceptuais que se cumprem no plano do presente e deixam passar as lembranças”. “Se eu represento a ponta de um cone como *S* e sua base por *AB*, a totalidade das lembranças acumuladas em minha memória, na base *AB*, e assentadas, no passado, permanece imóvel, ao passo que o vértice *S*, que figura em todos os momentos do meu presente, toca o plano móvel *P* (percepção atual do mundo), de minha representação do universo, avançando sem cessar. Em *S* concentra-se a imagem do corpo; e ao fazer parte do plano *P* (plano das percepções), essa imagem limita-se a receber e a devolver as ações emanadas de todas as imagens de que se compõe o plano” (Bosi, 1995).

Para Luria (1981), a estrutura da palavra é parte essencial da linguagem e da fala. A palavra não é a imagem de um objeto, uma

propriedade ou ação; também não é uma associação de uma imagem visual a uma imagem acústica. O autor concebe a palavra como uma matriz multidimensional complexa de diferentes pistas e conexões, a saber: acústicas, morfológicas, lexicais e semânticas (por exemplo, em termos morfológicos, *felicitad-ade*, *maldad-ade*, ou *ansiedad-ade*; em termos semânticos, hospital, escola, delegacia), sendo que uma dessas conexões pode ser predominante num determinado estado. Essas redes ou conexões formam categorias semânticas altamente complexas em que cada palavra constitui uma unidade generalizada da fala.

Para Luria (op. cit.), o componente seguinte à palavra é a frase ou expressão, que pode variar em complexidade e tornar-se uma fala narrativa conexa. Já não se trata mais do processo de generalização categórica de palavras individuais, mas de um processo de transição do pensamento para a fala com a expansão do plano original em frases, com base em códigos sintáticos que incorporam a fala interna e que possuem uma estrutura argumentativa e predicativa essencial para a expressão narrativa (Vygotsky, 1934; 1956 apud Luria, 1981).

As palavras foram também objeto dos estudos de Jung, já no início de seu trabalho, por meio de testes de associação. Em seu livro *Estudos experimentais*, publicado originalmente em alemão, em 1979,

com versão brasileira, de 1997, ele descreve experimentos de associações nos quais verifica que as reações se dão diferentemente em relação às palavras-estímulo, com muitas variações. Essas variações são observadas em diferenças no tempo de reação, em lapsos de linguagem, em respostas com muitas palavras ao invés de uma só ou pela mera repetição das palavras-estímulo. Verificou, então, que as palavras em que ocorriam tais distúrbios referiam-se a assuntos pessoais que, muitas vezes, tinham um caráter penoso. Jung refere, então, que juntamente com Riklin, introduziu o termo *complexo* para designar aqueles assuntos pessoais, entendidos como um conjunto de idéias que se mantêm unidas por meio de uma carga emocional comum. Segundo Jung, naquele momento, na neurose, normalmente acontece uma adaptação dos complexos ao meio ambiente, uma vez que eles se modificam constantemente; enquanto que em um nível patológico os complexos se fixam de tal forma que chegam a paralisar o progresso da personalidade como um todo. Jung diz que os complexos são também caminhos que nos permitem chegar ao inconsciente, assim como os sonhos. Os sintomas revelam ou carregam muitos dos complexos, embora possam também permanecer assintomáticos até onde possamos perceber. Como já referido, os complexos têm uma carga energética mais concentrada, e em sua base (núcleo) estão os arquétipos. Quanto mais inconscientes,

maior pode ser sua atuação sobre o ego. O complexo é, assim, a imagem de uma determinada situação psíquica com carga emocional intensa que se mostra por vezes incompatível com a habitual disposição ou atitude da consciência. Essa imagem tem uma certa coesão e dispõe de um grau relativamente alto de autonomia, isto é, já não está completamente sujeita às disposições da consciência, comportando-se como um corpo alheio (*corpus alienum*), cheio de vida.

Jung (1988[1950]) diferencia o eu do si-mesmo (*self*). O primeiro é definido como o construto que contém todos os conteúdos e/ou atos conscientes do sujeito (o campo da consciência). O segundo diz respeito não a uma grandeza que venha a ocupar o lugar do eu, mas a uma grandeza mais abrangente que inclui o eu. Não se conhecem os limites do campo da consciência, mas seu limite é sempre alcançado diante do desconhecido.

O autor refere que o eu é constituído de uma base somática, com fatores conscientes e inconscientes. A base psíquica, por sua vez, assenta-se sobre a consciência global e a totalidade dos conteúdos inconscientes. Estes se dividem em três grupos: conteúdos temporariamente subliminares ou voluntariamente reproduzíveis; conteúdos que não podem ser reproduzidos voluntariamente; e conteúdos totalmente incapazes de se tornarem conscientes.

É importante lembrar que o fenômeno global da personalidade não é igual ao eu. Ao contrário, constitui uma grandeza que é preciso distinguir do eu. Para isso, é preciso considerar uma Psicologia que leve em conta o inconsciente. Como exemplo, Jung (1988[1950]) cita que, “para a aplicação da justiça é importante saber se determinados fatos são de natureza consciente ou inconsciente, por exemplo, quando se trata de julgar a respeito da imputabilidade ou não de um ato.”

Jung (1988[1950]) propõe que “a personalidade global que existe realmente, mas que não pode ser captada em sua totalidade”, seja designada por si-mesmo (*self*). Segundo Jung (op. cit.), o processo terapêutico, ou lidar com o inconsciente, leva a trabalhar com o que ele designou Função Transcendente, que representa uma função baseada em dados reais e imaginários, racionais e irracionais, que constrói uma ponte, uma ligação, na brecha existente entre o consciente e o inconsciente.

No processo de conhecimento de si mesmo, e/ou terapêutico, emergem os conteúdos reprimidos, desconhecidos, por meio de fantasias, sonhos etc., e são trazidos *conteúdos pessoais esquecidos*¹. Estes fazem parte do *inconsciente pessoal* e contêm lembranças perdidas, reprimidas, (“propositalmente esquecidas”),

¹ As expressões marcadas em itálico foram feitas pela autora deste trabalho.

evocações dolorosas, percepções que ainda não atingiram a consciência e conteúdos que ainda não amadureceram para a consciência. Tudo isso corresponde à figura da sombra que freqüentemente aparece nos sonhos. “As inferioridades do indivíduo que constituem a sombra ou os traços obscuros do caráter possuem uma natureza emocional (...) (Jung (1988[1950]))”.

Segundo Jung (2004[1916]), à medida que a análise avança, aparecem conteúdos da camada mais profunda do inconsciente – o *inconsciente coletivo*, onde jazem adormecidas as imagens humanas universais e originárias. “Estas imagens ou motivos, denominarei-os *Arquétipos* (ou, então, ‘dominantes’)” (Jung, 2004[1916]). O autor, então, identifica no inconsciente duas camadas: o *inconsciente pessoal* (parte subjetiva) e o *inconsciente coletivo ou supra-pessoal* (parte objetiva).

Dentre essas imagens primordiais ou arquétipos, podemos destacar dois, revestidos de um grande significado e que pertencem à personalidade, mas que também possuem raízes no inconsciente coletivo. “Essas duas figuras – uma é masculina, e a outra, feminina – foram denominadas de *animus* e *anima*, por Jung”. Elas representam um construto que se comporta de forma compensatória em relação à personalidade externa. No homem, são suas características femininas, e, na mulher, suas características masculinas. Geralmente, essas

características permanecem interiorizadas e, quando exteriorizadas, podem ser incômodas, se o indivíduo for pouco trabalhado ou imaturo do ponto de vista psicológico. Tais características não são somente formadas pela experiência com o sexo oposto, mas também pelas experiências trazidas nas vivências com indivíduos do mesmo sexo e também por meio da imagem coletiva que tem o homem da mulher e a mulher do homem. Não se trata apenas da imagem ou da experiência, mas de realidades psíquicas que são incomensuráveis em relação à realidade concreta; o eu não as torna menos atuantes (Jung, 1990[1967]).

Há ainda uma importante conceituação de Jung em relação a *inúmeras diferenças individuais* típicas que ele relata ter observado, o que o levou a uma descrição geral dos *Tipos Psicológicos*. Classificou-os, inicialmente, em dois tipos gerais de “disposição”, que “se distinguem pela disposição dada a seus interesses e ao movimento da libido”, e, os “funcionais” (Jung, 1976[1960]).

No que diz respeito aos primeiros, os tipos gerais de disposição, o introvertido e o extrovertido distinguem-se por sua disposição particular em relação ao objeto, apresentando duas formas de atitude.

O introvertido está sempre disposto a retirar a libido do objeto, como se tivesse que evitar a sua preponderância. A atenção é

focada no mundo interno das representações e impressões psíquicas (introversão). O indivíduo vai dirigir sua atenção para seu mundo interno e observa-se uma postura reservada e retenção das emoções.

O extrovertido, ao contrário, comporta-se positivamente em relação ao objeto, apesar de que no fundo ele (o objeto) nunca tem valor suficiente; por isso, o extrovertido tem que acentuar a sua significação. A atenção é focada no mundo dos fatos e das pessoas. A energia flui de maneira natural para o mundo externo e se observa mais facilmente: impulsividade, sociabilidade, expansividade e facilidade de expressão oral.

A oposição dos tipos tem, para Jung, como fenômeno psicológico de ordem geral, um precedente biológico de uma ou outra espécie.

Além desses dois tipos de disposição (introversiva e extroversiva), Jung estabeleceu diferenças entre as pessoas de um mesmo grupo. São os *tipos funcionais*. Estes se classificam em quatro: (1) *pensamento*, (2) *sentimento*, (3) *intuição* e (4) *percepção*. Pensamento e sentimento são, para Jung, funções *racionais*, que usamos para julgar os fatos. Percepção e intuição são funções *irracionais*, que utilizamos para perceber o mundo.

Pessoas do tipo SENSACÃO dão atenção ao presente e, portanto, tendem a “ter os pés no chão”. Essas pessoas têm enfoque

no real e no concreto, costumam ser práticas e realistas, voltadas para o aqui-agora. Preocupam-se mais em manter as coisas funcionando do que em criar novos caminhos. Preferem também ver as partes ao invés de ver o todo.

Pessoas do tipo INTUIÇÃO apreendem o ambiente por meio de “pressentimentos”, “palpites” ou “inspiração”. A intuição busca os significados, relações e possibilidades futuras da informação recebida. Os fatos são apreendidos em seu conjunto.

Já pessoas do tipo PENSAMENTO realizam uma análise lógica e racional dos fatos: julgam, classificam, discriminam uma coisa da outra, sem maior interesse pelo seu valor afetivo. Voltados para a razão, procuram ser imparciais em seus julgamentos sem levar em conta a interferência de valores pessoais. Tendem a lidar melhor com processos lógicos e formais.

A função racional que se contrapõe à função PENSAMENTO é a função SENTIMENTO. Quem usa o sentimento tende a julgar o valor intrínseco das coisas, a valorizar os sentimentos em suas avaliações, a ter facilidade no contato social e a preocupar-se com a harmonia do ambiente. Utiliza valores pessoais para a tomada de decisões, mesmo que essas decisões não tenham objetividade do ponto de vista da causalidade. Tendem a voltar-se para relações interpessoais.

Temos, então, a partir da combinação entre os dois tipos de disposição (introversiva e extroversiva) e os quatro tipos funcionais, oito tipos psicológicos, quatro extroversivos e quatro introversivos: (1) Pensamento extrovertido; (2) Sentimento extrovertido; (3) Intuição extrovertida; (4) Sensação extrovertida; (5) Pensamento introvertido; (6) Sentimento introvertido; (7) Intuição introvertida; e, por fim, (8) Sensação introvertida.

Todos nós, a princípio, possuímos as quatro funções (pensamento, sentimento, sensação e intuição), que agem em diferentes graus de hierarquia e importância, segundo a conformação de nossa personalidade e as demandas do momento da ação.

Jung estabelece uma divisão conceitual na localização dos tipos nos indivíduos, pela importância que ocupam dentro de cada pessoa: a função superior, a função inferior e as funções auxiliares. Quando a função superior for Pensamento, a função inferior será Sentimento, e as funções auxiliares serão Intuição e Percepção.

3.

METODOLOGIA

3.1. Escolha do Método

O objetivo do AR não foi inicialmente construir uma rede semântica, mas na medida em que surge dele um texto, este passou a ser o contexto para a formação da rede semântica como um fenômeno, de onde são extraídas palavras do texto, quantificadas e hierarquizadas, sinônimos e antônimos em termos de significados e não significantes.

Julgamos ser conveniente realizar esta pesquisa como um estudo de caso com enfoque fenomenológico. O significado de fenômeno vem da expressão grega *faínomenon* e deriva-se do verbo *faínestai*, que quer dizer “mostrar-se a si mesmo” (Martins Bicudo, 1989). Para realizar uma investigação do humano deve-se lançar mão

de metodologias que dêem conta do acesso às dimensões desse humano. Filosoficamente a Fenomenologia fundamenta-se em Merleau-Ponty, Heidegger e outros. Na pesquisa fenomenológica, valoriza-se a subjetividade consciente e suas inter-relações; é um método especialmente importante para se estudar como as pessoas “estão sendo” num dado momento. Implica abandonarmos temporariamente aquilo que acreditamos que as pessoas são a partir de nossas próprias perspectivas para então entrarmos em contato com a realidade única do vivido daquele sujeito ao qual estamos nos dirigindo (Bruns e Holanda, 2005).

O fenômeno a ser pesquisado é a vivência psicológica das mulheres expressa na escrita, que se constitui do depoimento, da coleta de dados; estes serão avaliados. Bruns e Holanda (2005) propõem fases de tratamento para o depoimento, a saber: 1) visão de todo do depoimento; 2) delimitação dos elementos significativos da experiência; 3) compilação de pontos para uma síntese; e 4) discussão.

Ao lidar com fatos humanos, esta pesquisa caracteriza-se também como qualitativa. O fato humano não pode ser dividido e separado dos demais fatos. Há uma analogia entre o observador e o observado, uma integração dialética entre o eu e o outro; o fato humano é um conjunto de significados (Bruns e Holanda, 2005).

3.2. Contexto do Estudo

Trata-se de um grupo de mulheres em atendimento terapêutico, em um posto de saúde na região oeste do município de São Paulo, que constituem os sujeitos desta pesquisa. O grupo reúne-se semanalmente, com a psicóloga-pesquisadora e uma terapeuta ocupacional, e as mulheres relatam livremente o que lhes acontece, enquanto procedem à feitura de alguma atividade de criação manual.

Na época do início da aplicação do Auto-Retrato, o grupo era composto de nove mulheres, de 30 a 61 anos, de classe socioeconômica e cultural baixa e média baixa, de iletradas até o 2º grau completo ou também técnico, algumas casadas e com filhos, algumas trabalham, outras não trabalham ou estão em licença médica, mas, de modo geral, todas tiveram experiência de trabalho. As queixas, em geral, são de depressão, somatizações, tensões familiares e solidão. O objetivo do grupo é propiciar, entre as mulheres e entre elas e as terapeutas, um espaço para que surjam conteúdos e necessidades de diálogo, colocações, interpretações, ao mesmo tempo em que são realizadas as demais atividades.

O grupo funciona da seguinte forma: reuniões semanais de uma hora e meia; atividades que são decididas por todos no início de cada sessão; o método terapêutico tem como base a escuta

terapêutica, a partir da qual as terapeutas fazem interpretações pontuais.

3.3. Sujeitos do Estudo

Abaixo, segue uma breve caracterização das mulheres que compõem o grupo de atendimento e pesquisa. Para resguardar a confidencialidade dos registros, não serão citadas as iniciais de cada mulher. Por isso, elas serão designadas pela letra M seguida de um número. O termo de consentimento (ANEXO1) para a participação no trabalho foi por elas assinado e submetido à Comissão de Ética do LAEL.

3.4. Instrumento de Levantamento de Dados

O Auto-Retrato é constituído de um conjunto de 35 questões, dispostas em uma pasta, cada pergunta em uma folha, com espaço suficiente para uma ou mais respostas. O Auto-Retrato caracteriza-se como um instrumento de pesquisa qualitativa, porque lida com fatos humanos: as vivências psicológicas expressadas nas escritas das mulheres.

A aplicação do questionário ocorre durante a sessão semanal do grupo de atividades, ocupando entre meia hora e 40

minutos, aproximadamente. Ele não é necessariamente aplicado em todas as sessões. Quando alguém não quer participar ou responder ao Auto-retrato, realiza outra atividade. Cada mulher recebeu sua pasta com o Auto-Retrato e iniciou as respostas às questões por onde desejava. Até o momento, as respostas individuais ao questionário não foram lidas e, portanto, não foram compartilhadas entre as pessoas do grupo. Este será um passo a ser dado no futuro. Somente as terapeutas têm acesso ao conteúdo dos Auto-Retratos, conforme acordado entre elas e as mulheres. As participantes autorizaram o futuro estudo a ser realizado através do conteúdo do Auto-Retrato em um termo de consentimento, referido acima, no qual consta que a privacidade delas será totalmente preservada, sendo divulgados os dados referentes a sexo, idade, escolaridade e profissão. O acesso ou não ao questionário pelas terapeutas é opção permanente das participantes, assim como a sua participação. Cada uma das perguntas pode ser respondida quantas vezes a paciente quiser. Algumas perguntas podem nunca vir a serem respondidas, se esse for o desejo da paciente.

A primeira página do Auto-Retrato contém as seguintes instruções, que foram lidas em voz alta pela psicóloga-pesquisadora e discutidas pelo grupo, de modo a garantir o seu entendimento:

Auto-Retrato

Como diz o título, com este exercício você vai criar seu auto-retrato. É como se fosse nos mostrar um álbum de fotografias seu, não só de acontecimentos e datas importantes de sua vida, mas também de pensamentos, desejos, sonhos, sentimentos... O mais importante aqui é a sinceridade. Este projeto, com um grupo de mulheres da cidade de São Paulo, região do Butantã, é feito para você. Por isso, o Auto-Retrato de cada pessoa nos ajuda a programar nossos encontros e atividades. Então, antes de responder, pense profundamente em cada pergunta. Não se apresse. Responda para você mesma, para dar um depoimento seu, daquilo que você pensa, sente, enfim, de como você vê o mundo, as pessoas, as situações. As respostas dadas ao Auto-Retrato só serão comentadas com alguém se você quiser. Se não, ele será lido só por você mesma. Você ficará com o questionário e poderá responder a mesma pergunta quantas vezes quiser. Cada vez que for responder à mesma pergunta, por favor, coloque a data. Mãos à obra!

Questões do Auto-Retrato

1. Você nasceu e vive na mesma casa, bairro e cidade, ou já mudou alguma vez? Se você mudou, diga quantas vezes, por que mudou, e conte o que aconteceu.
2. Que outros bairros de São Paulo você conhece ou frequenta, além do bairro onde você mora? Diga por que você costuma ir a esses outros bairros.
3. Você gosta do lugar onde você mora? Diga por que respondeu SIM ou por que respondeu NÃO.
4. Se você respondeu NÃO à pergunta anterior, onde você gostaria de morar e por quê? (se respondeu SIM, pule esta questão).
5. Você já andou de Metrô? Se sim, que linhas e estações você costuma utilizar e para quê? Quantas vezes por semana ou por mês?
6. Você conhece outras cidades, fora São Paulo? Se sim, diga quais e conte por que você as conheceu.
7. Você costuma viajar, para onde e quando?
8. Por quem é composta sua família?
9. Quem mora na mesma casa que você?
10. Como é seu relacionamento com seus parentes?
11. Quem da sua família você admira e por quê?
12. Qual foi a decisão mais importante que você acha que já tomou na vida?
13. Você estuda atualmente? Se sim, em que série você está? Se não estuda atualmente, até que série você estudou?

14. Você trabalha atualmente? Em quê? Se não trabalha agora, trabalhava antes? Em quê?
15. Você gosta do seu dia-a-dia? Conte como é a sua atividade diária. Descreva brevemente como é a sua vida, o que faz, o que sente, o que pensa.
16. Conte as coisas de que você gosta, aprecia, no seu dia-a-dia e as coisas de que você não gosta. O que você acha que falta para que o seu dia-a-dia seja melhor?
17. O que você acha que poderia ser diferente na sua vida para que ela fosse melhor, mais legal, mais significativa, e para que você gostasse mais dela. Responda o mais sinceramente possível.
18. Como você acha que você é:
 - a) sua aparência ou visual
 - b) seu temperamento ou personalidade
19. Mudou alguma coisa em você ultimamente? O que mudou?
20. Aqui, neste espaço, faça um desenho. (Há um círculo, no qual a M pode desenhar o que quiser)
21. Algum fato marcou a sua vida? Conte um pouco sobre ele.
22. Por que você se inscreveu neste grupo?
23. Você tem amigos? Muitos? Poucos? Conte sobre eles.
24. Como é seu relacionamento com seus amigos?
25. Você namora? É casada? Se sim, como é o seu namoro ou casamento?
26. Você gosta de ler? Explique por que SIM ou por que NÃO.
27. Qual o último livro/revista que você leu? Existe algum livro que você tenha vontade de ler, mas que não conseguiu? Por quê?

28. Diga qual o último filme que você assistiu e qual o mais bonito ou “melhor” que já viu.
29. Que tipo de profissão você pensa que gostaria de ter ou de ter tido na vida? Por quê?
30. Fale um pouco sobre sua vida atualmente. Você tem se sentido feliz ou triste? Existe algum problema que tem lhe preocupado?
31. Para terminar este Auto-Retrato, faça um resumo de quem é você e diga o que você acha que vai estar fazendo daqui a cinco anos.

Tem mais alguma coisa que você gostaria de dizer ou que acha importante nos dizer e que nós não perguntamos?

Coloque aqui, por favor:

Seu nome:

Sua idade:

Os nomes das terapeutas:

MUITO OBRIGADA por responder a este AUTO-RETRATO. Esperamos poder continuar a trabalhar nas questões dele juntas. Ele ficará com você para que possa relê-lo quando quiser e nós vamos discuti-lo juntas se você quiser.

4.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Como foi dito na Introdução, este trabalho envolve diversas áreas de conhecimento, devido à complexidade do ato de escrever e a tentativa de entender esse ato dentro de um processo psicoterapêutico.

A análise dos textos produzidos nos AR mostra, entre outras coisas, um aprofundamento que ocorrerá ao longo do uso desse instrumento, quando as questões a serem respondidas são escolhidas, em diferentes datas, e respondidas mais de uma vez ou não, podendo aprofundar e expandir em todos os sentidos, internos e externos, aspectos factuais e vivenciais do sujeito. Seu contexto de vida, ao responder ao AR, desempenha o papel que, no cone proposto por Bergson (1959 apud Bosi, 1995), diz respeito às percepções do sujeito no contato com o mundo, a partir das sombras das memórias que

estão na base do cone, trazendo-as paulatinamente à tona. Isso nos faz ainda retornar à idéia de desenvolvimento em espiral de Baldwin (apud, Chakur, Cilene R S, 2005), uma idéia encontrada em várias áreas do conhecimento a respeito da vida humana. Assim, mesmo para indivíduos que não têm como hábito ler e/ou escrever, caso das mulheres que participaram deste trabalho, é válida a afirmação de Baldwin (op. cit.) de que também processos de desenvolvimento da escrita na humanidade são feitos de involuções e evoluções, de movimentos progressivos e de processos de redução e desaparecimento e desenvolvimento de velhas formas.

Pela ótica junguiana, os textos produzidos pelas mulheres, dentro desse processo de uso do AR, levam à ampliação das memórias conscientes para as memórias inconscientes, trazendo importantes conteúdos, numa possibilidade de integrá-los à vida consciente. Nesse sentido, o AR parece ter participado do caminho terapêutico das mulheres, mesmo daquelas que tiveram menos contato com o instrumento (devido às razões já explicitadas na Introdução).

A partir do texto do AR de M1, diversas interpretações serão dadas às suas respostas, numa tentativa de verificar o quanto o texto escrito pode auxiliar em sua análise terapêutica. Para esse fim, o texto de M1 foi tratado de modo corrido, eliminando-se as questões, e mantendo-se apenas as datas das respostas. Na análise do texto

foram, em primeiro lugar, identificadas redes semânticas; em segundo lugar, foi utilizado o referencial teórico junguiano, que também norteou parte de nossas interpretações; e, por fim, o uso de dados trazidos no contato com M1, tanto individualmente como no grupo.

O objetivo de montar as redes semânticas do texto de M1 tem relação com o fato de, conforme descrito por Jones (1978; 1982a; 1987 apud Eysenck e Keane, 1994:148), na *Revisão da Literatura*, que recordar é um processo que envolve a evocação de possíveis itens lexicais como uma combinação direta entre a informação disponível no momento do recordar e a informação armazenada na memória de longo prazo. Da mesma forma, para Luria (1981), vimos que a estrutura da palavra é parte essencial da linguagem e da fala, sendo a palavra concebida como uma matriz multidimensional de diferentes pistas e conexões ou redes que formam categorias semânticas altamente complexas, em que cada palavra constitui uma unidade generalizada da fala.

Levantamos também a questão de se as redes semânticas podem levar a identificar os “complexos” conforme a visão junguiana, entendidos como construtos psicológicos carregados de muita energia. Seriam tipos de “nós”, contendo uma multiplicidade de conteúdos. Não houve inicialmente a intenção de construirmos redes semânticas por meio da utilização do AR. Entretanto, o próprio texto desenvolvido no

AR apontou e ressaltou a existência de redes semânticas, de onde palavras podem ser extraídas, hierarquizadas e quantificadas.

M1 é uma mulher de classe média baixa, 30 anos, casada há 15 anos. Sua profissão é costureira, tem três filhas.

No início do AR, M1 trabalhava em casa por produção²:

Acordo cedo mando as crianças para a escola, depois me arrumo tomo café, e começo trabalhar por volta das 8:00. Aí vou até as 11:00.

Quando as meninas ^{T. e G.³} chegam eu paro tomo um café dou uma descansada volto a trabalhar quando dá 12:00 mando a C. se arrumar para poder ir para a escola. e continuo trabalhando, quando é 14:00 paro almoço e dou almoço para as meninas, descanso um pouco e volto a trabalhar até as 18:00, ^{ai} paro faço a janta e volto a trabalhar aí vai até 21:00 ou 22:00 horas. depende do dia.

Uma outra característica das pessoas de classe socio-econômica e cultural baixa refere-se à dificuldade de acesso a bens culturais, o que de certa forma restringe o próprio hábito de consumi-los.

Até gosto mas não tenho paciência , começo a ler quando a história começa perder o sentido logo desisto.

Já li o livro “Casa da Madrinha, Ninguém é de ninguém”.

Não me lembro o nome do último filme, mas o que eu mais gostei foi um que falava sobre o amor de (segmento ininteligível) um casal de namorados que tinham síndrome de Daw que se casaram e viveram muito felizes.

Não, mas fiz o 2º grau completo.

² Os trechos extraídos como exemplos do texto do AR de M1 foram mantidos exatamente da forma como ela os redigiu.

³ Quando a palavra vem sobrescrita, ela foi colocada posteriormente por M1 em seu texto.

Além disso, M1 cresceu no mesmo bairro onde vive até hoje, sem freqüentar outras partes da cidade, de novo como é comum entre pessoas de sua condição socioeconômica e cultural, o que contribui para restringir o conhecimento de mundo de tais pessoas, conhecimento que se limita até mesmo à própria cidade, estado, país, ou do próprio espaço onde vive.

Conheço São Jorge, Vila Borges, Santa Maria, Paulo VI, Rio Pequeno, Pinheiros, Centro, São Bernardo.

Alguns (bairros) porque tenho parentes morando lá. Outros por serem lugares de comércio.

Sim, só uso o metrô quando necessário.

Sim, XX (retiramos sigla) porque já morei lá e atualmente minha mãe mora lá.

Conheço Aparecida do Norte porque já fui em romarias.

Não costumo viajar.

Há conheço também o Jardim Macedônia é onde mora os padrinhos da minha filha.

Conheço YY (retiramos sigla) pois foi lá que nasci e minha avó mora lá.

E o litoral paulista.

Como consequência de sua baixa escolaridade, M1 tem também uma relação com o trabalho insatisfatória e com pouca possibilidade de mudança. Essa contingência de vida confronta-se diretamente com a realização de um de seus desejos.

Sim, sou costureira e trabalho em casa. Presto serviços para uma loja.

Gostaria de poder trabalhar com o que eu gosto de verdade. Que é, de criar coisas. Por exemplo eu gosto de costurar mas gostaria...

Eu gostaria de fazer passar o dia criando coisas novas. Por exemplo: eu gosto de costurar mas eu queria mesmo costurar as minhas próprias coisas, adoro artesanato de inventar coisas novas e bonitas.

Algum cargo de chefia que eu pudesse coordenar ma equipe, pois assim poderia dar dicas a essas pessoas se sentir melhor assim elas desempenhariam melhor.

Vale ressaltar que, num determinado momento, M1 levou o desejo de criar coisas para o grupo, por meio da atividade de criação de bolsas de tecido, com a aplicação de enfeites. Cada mulher do grupo participou dentro de suas possibilidades. M1 e outras mulheres costuravam as bolsas e outras confeccionaram fuxicos e colocaram outros enfeites. M1 relatou uma grande satisfação nessa época (confeccionou algumas bolsas em casa, elaborou modelos, trouxe ao grupo e propôs a atividade, envolvendo-se mais com as demais mulheres, desempenhando em alguns momentos capacidade de liderança).

Quando chegou ao posto, encaminhada ao setor de saúde mental, M1 queixava-se de estresse, depressão, nervosismo, descontrole e de que dormia mal, uma vez que estava vivenciando a traição de seu marido com uma amiga. Isso apareceu no AR, mais tarde, em 21/10/2005, da seguinte forma:

Quando responde à questão: Algum fato marcou a sua vida?
 Conte um pouco sobre ele.

Varias coisas marcaram.

Primeiro as surras que eu levava ^{do meu pai} quando era pequena e que durou até os meus 14 anos, A traição do meu marido quando nós tínhamos 2 meses de casado.

Os fatos bons foi o nascimento das minhas filhas.

Agora recente a traição de uma pessoa que dissia ser amiguíssima, que me traiu com meu marido.

Em outra questão do AR: Quem da sua família você admira e por quê? M1 apresenta três respostas em datas diferentes:

24/08/2005

Ninguém. (Note-se que esta é a primeira vez que M1 responde a essa questão.)

12/01/2006

Admiro a minha irmã. Ela é uma pessoa muito determinada e corajosa, ~~pois~~ com ela as coisas não tem muito meio termo, se ela achar que tem que fazer algo não se importa com a opinião dos outros. Vai e faz. (Note-se que esta resposta é dada após 5 meses.)

28/08/2006

A questão de não admirar minha mãe, pai, irmão porque são pessoas que no fundo tem as mesmas atitudes que eu. Mas são atitudes que eu não gosto, que a falta de coragem de agir. (Passaram-se 7 meses).

Vale notar que a questão referia-se à pessoa que M1 admirava e por quê. Porém, a segunda e a terceira respostas discorrem sobre suas relações familiares.

No que diz respeito a si mesma, em suas respostas M1 oscila entre confiante, decidida, brava ou irritada, de um lado, mas um pouco perdida, tímida, talvez até deprimida.

Na questão 17: O que você acha que poderia ser diferente na sua vida para que ela fosse melhor, mais legal, mais significativa, e para que você gostasse mais dela. Responda o mais sinceramente possível.

24/08/2005

Quero ser mais confiante em mim mesma.

Gostaria de poder trabalhar com o que eu gosto de verdade. Que é de criar coisas. Por exemplo eu gosto de costurar mais gostaria...

21/10/2005

Eu gosto de costurar mas não sei o que da em mim, que eu estou toda empolgada quando pensa que não eu já quero mudar quero fazer outra coisa, invento de fazer cursos, montar outra coisa ai eu me desperso.

Gostaria de me encontrar numa profissão que me satisfizesse.

Na questão 28: Fale um pouco sobre sua vida atualmente. Você tem se sentido feliz ou triste? Existe algum problema que tem lhe preocupado?

12/01/2006

Minha vida hoje está boa, me sinto bem mais feliz.

Sim ainda não consegui dar um rumo na minha vida profissional.

Na questão 27: Que tipo de profissão você pensa que gostaria de ter ou de ter tido na vida? Por quê?

12/01/2006

Algum cargo de chefia que eu pudesse coordenar uma equipe, pois assim poderia dar dicas para essas pessoas se sentir melhor assim elas se desempenhariam melhor.

Quando chegou ao posto, conforme será visto abaixo, M1 vivia um momento de paralisia (não conseguia dormir, pensava incessantemente), que atribuía à situação de estar sendo traída pelo marido. Em seguida, propôs a separação do marido, saindo de casa com as filhas e voltando para o local onde morou até os 13 anos, quando escreve pela primeira vez no AR e diz:

agora eu voltei para as minhas origens, isso porque essa casa onde estou morando agora é na mesma rua da antiga favela, nessa casa estou me sentindo muito bem, pois tenho liberdade de fazer o que quero sem ter que dar satisfação a ninguém.

Ainda que a separação do marido tenha sido temporária, ao viver por um tempo essa realidade, criou uma nova condição para tomar iniciativas e atitudes antes nunca experimentadas. Em oposição a esse momento, em outros, como foi visto em relação à escolha profissional, M1 coloca-se de uma forma deprimida e inconstante (*“quando vê , eu já quero fazer outra coisa,...”).*

Logo que iniciou o contato com o AR, M1 respondeu à primeira questão, que dizia “Você nasceu e vive na mesma casa, bairro e cidade, ou já mudou alguma vez? Se você mudou, diga quantas vezes, por que mudou, e conte o que aconteceu”, da seguinte forma:

Eu nasci em XX, onde vivemos lá até os meus 6 anos.

Ai viemos para São Paulo e passamos a morar na antiga favela do “X” na casa que meu pai construiu com suas próprias mãos. Vivemos nessa casa até os meus 13 anos. Até que meu pai nos levou para morar em YY, de primeira ele nos dizia que era para o nosso bem, mas depois fiquei sabendo que era porque a outra mulher dele morava lá.

Assim seria mais fácil para ele se locomover de uma casa para outra, sem muito gasto e com mais rapidez.

Morei nessa casa até os 18 anos, quando eu sai para me casar. E depois de casada vim morar novamente no Jardim Z na casa da minha sogra, morei lá por quase 2 anos, até que meu esposo e eu construiu a nossa casa no quintal da avó dele, e antes mesmo que a casa estivesse pronta eu resolvi que tínhamos que nos mudar pois, eu não estava me entendendo com a minha sogra. Então achei melhor sair.

Já na casa fizemos o acabamento para termos mais conforto. Morei nessa casa por 10 anos, até que, por desentendimento com meu esposo, resolvemos nos separar. E me mudei novamente, agora eu voltei para as minhas origens, isso porque essa casa onde estou morando agora é na mesma rua da antiga favela, nessa casa estou me sentindo muito bem, pois tenho liberdade de fazer o que quero sem ter que dar satisfação a ninguém.

A frase onde aparece meu e esposo e ^{eu} construiu, na qual o “eu” equivalente a M1, inserido posteriormente, e a flexão verbal na terceira pessoa do singular, M1 transfere a ação para o marido.

Chama atenção o aparecimento de palavras ligadas ao radical *cas-* relacionadas a *casa*, *casar*, *casada*. Ao todo, a palavra *casa* aparece 11 vezes, e as palavras *casar* e *casada* uma vez cada.

Rede semântica de *casa /casar/casado*

na casa que meu pai construiu com suas próprias mãos

Vivemos nessa casa até os meus 13 anos

se locomover de uma casa para outra

Morei nessa até os dezoito anos, eu sai para me casar

depois de casada (...) na casa da minha sogra

meu esposo e ^{eu} construiu a nossa casa no quintal da avó dele

antes mesmo que a casa tivesse pronta eu resolvi que tínhamos que nos mudar

Já na casa fizemos o acabamento para termos mais conforto.

Morei nessa casa por 10 anos

essa casa onde estou morando agora é na mesma rua da antiga favela (onde morou quando adolescente)

nessa casa estou sentindo muito bem

Ao citar tantas vezes *casa*, M1 mostra seu desejo e falta de uma *casa*. Descreve constantes mudanças, mora em casa de outros, onde se sente constantemente ameaçada com a perda. Deixa claro que não se sente bem na casa onde mora. Falta-lhe *casa*, *lar*, *matrix*, *mater*, *corpo* e está constantemente à procura destes, e, portanto, à procura de si mesma.

Descreve mais adiante no AR uma melhora em relação à sua auto-imagem corporal:

21/10/2005

Hoje eu me acho bem mais bonita. Eu me cuido mais, coisa que eu não fazia antes. Tenho uma altura legal, acho meu rosto bonito, meu corpo tá legal, lógico como toda mulher tem coisas que eu não gosto por exemplo: meus seios porque depois que tive filhas eles caíram e barriga aumentou. mas paciência isso são coisas da vida.

Num levantamento do AR, foi identificada a rede semântica do “eu”:

*Eu nasci
fiquei sabendo
Morei
eu sai
vim morar
morei
eu resolvi
eu não estava me entendendo
achei melhor sair
Morei*

*me mudei
eu voltei
estou morando
estou me sentindo
tenho liberdade de fazer o que quero
Conheço São Jorge, Vila Borges, Santa Maria, Paulo VI, Rio
Pequeno, Pinheiros, Centro, São Bernardo
tenho parentes
não gosto porque a casa não é minha
Gostaria de morar numa casa própria
porque já morei lá
atualmente minha mãe mora lá
Conheço Aparecida do Norte
Não costumo viajar
não tenho muita intimidade
fiz o 2º grau completo
sou costureira e trabalho em casa
Presto serviços para uma loja
Acordo cedo
mando as crianças para a escola
me arrumo tomo café
começo trabalhar por volta das 8:00
vou até as 11:00
eu paro
tomo um café
dou uma descansada
volto a trabalhar
mando a C. se arrumar
continuo trabalhando
paro
almoço
e dou almoço para as meninas,
descanso um pouco
e volto a trabalhar
faço a janta
e volto a trabalhar*

Quero ser mais confiante em mim mesma.
Gostaria de poder trabalhar com o que eu gosto de verdade.
eu gosto de costurar mas gostaria...
me mudei
estou me sentindo bem melhor em relação a casa
eu só me preocupo com o bem estar da minha família
não dou um pingo de importância para que os outros acham
Conheço Belo Horizonte pois foi lá que nasci
Só não viajo por causa da falta de condições
Eu gosto de costurar
não sei o que dá em mim
eu estou toda empolgada
eu já quero mudar quero fazer outra coisa
invento de fazer cursos montar outra coisa
ai eu me desperso
Gostaria de me encontrar numa profissão que me
satisfizesse
Hoje eu me acho bem mais bonita
Eu me cuido mais, coisa que eu não fazia antes
Tenho uma altura legal
acho meu rosto bonito
tem coisas que eu não gosto
dipois que tive filhas meus seios caíram
Sou meio esquisita
Trato todos muito bem
ai viro bicho
Gosto de brincar, de conversar
Acho que sou bem sociável
eu me sinto melhor
minha auto-estima aumentou eu estou me sentindo mais eu
eu consigo conversar mais com as pessoas apesar do medo
de ser rejeitada
eu estou me soltando

O ego de M1 parece centralizado no fazer, numa certa ansiedade em conseguir fazer, e em estabelecer relações com as outras pessoas. Ela descreve muitos sentimentos de bem e mal-estar, indicando SENTIMENTO como uma função importante e, portanto, superior, dentro da concepção junguiana de Tipos Psicológicos, conforme colocado ao final da Revisão da Literatura. Se assim o considerarmos, seu PENSAMENTO dá-se de forma muito trabalhosa, difícil e menos atuante ou efetiva. Em outras palavras, M1 sabe que seu casamento não vai bem, há muito tempo. Entretanto, manteve a situação inalterada por muito tempo. A INTUIÇÃO parece funcionar como uma função auxiliar. Na medida em que transcorre a terapia, e em respostas posteriores, M1 demonstra estar se apropriando um pouco mais de sua função PENSAMENTO e podemos perceber uma utilização mais freqüente deste na ação. Um primeiro exemplo disso foi ter saído com as filhas da casa na qual morava com o marido. Um segundo exemplo, mais recente, refere-se às mudanças em sua relação com o trabalho. M1 deixa de costurar por produção em sua casa e passa a trabalhar com o marido em seu pequeno negócio. Na medida em que este vai mal, M1 torna-se funcionária de uma confecção no centro da cidade, percorrendo grandes distâncias de ônibus ao longo do dia, para ir e voltar do trabalho. Ressalte-se ainda que M1 encontra-se muito satisfeita com essa situação.

5.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que pudemos notar com a aplicação do AR é o fato de que seu uso parece facilitar a expressão dos conteúdos psíquicos subjacentes, quer os denominemos redes semânticas, complexos, sentimentos, desejos etc. Tal expressão poderá levar o sujeito a intensificar sua consciência e ação sobre tais conteúdos.

Em sua aplicação, o sujeito parece vivenciar um momento de interiorização importante e que facilita sua expressão. Nessa medida, o AR pode tornar-se um instrumento possível de ser utilizado, tanto em psicoterapia individual como em trabalhos em grupo.

Foram muitas as interferências neste processo por nós vivenciadas na pesquisa, sendo estas bastante relacionadas ao processo terapêutico, como o fato de estarmos em contato com uma

maior quantidade de dados a respeito de M1 do que aqueles trazidos pelo AR.

Estes dados complementaríamos o conhecimento do estudo de caso aqui analisado, mas fugiria ao objetivo da pesquisa, uma vez que, nesta, estamos investigando a eficácia do AR, mesmo para pessoas com baixa escolaridade, como mostra o exemplo abaixo:

M3 responde à primeira questão do Auto-Retrato:

Eu nasci no Ceará C. quando tinha 10 anos meus pais mudamos para M. um interior de P. Esta era cidade mas próximo nos eram cinco irmãos nos para sobreviver tínhamos que trabalhar na Roça através desta Roça vinha nosso pão então alavou era arroz + feijão + mandioca fava para completar nos tínhamos que quebrar Babaçu era única mas faço para ajudar nas despesas da nossa casa quando Eu tenha 16, anos já me casei Então já foi morar na Pará outro interior cidade mas próxima Atamira por um período então veio primeiro filho antes de nascer já faleceu então veio de 8 meses não resistiu amalaria de pois no ano seguinte veio +1 este está vivo graças a Deus então estive mas 5. Veio falecer + 1 com 2 anos. Então Eu estive 7 Filhos Tenho vivo 5 Filhos ao Todos sendo que 1 mora no Pará cidade de Marabá tenho 2 netos 1 de 15 anos outro 11 anos

dia 17 do 8 - 005

Luria (2001), conforme vimos na Revisão da Literatura, coloca que, ao aprender a língua escrita, na fase adulta, uma pessoa não a domina suficientemente, transpondo processos da língua falada para a língua escrita. Contudo, mesmo nesses casos, o autor ressalta que ***aquele que escreve comunica sobre o ato da escrita: é dito quem escreve, é enunciado aquilo que se deseja transmitir e são descritos os atos que ocorrem durante a ação de escrever***. Ou seja, para Luria (op. cit.), o sujeito adulto, que está nesse estágio de domínio da língua escrita, escreve como fala e como age.

Aniela Jaffé (1961), na introdução de *Memórias, Sonhos e Reflexões*, relata ter anotado as seguintes palavras de Jung: “Escrever um livro é sempre para mim uma confrontação com o destino. Existe no ato da criação alguma coisa de imprevisível que é de antemão impossível fixar nem prever. Assim, esta autobiografia já toma um rumo diferente daquele que eu a princípio imaginara. É por necessidade que escrevo minhas primeiras lembranças e um dia só de abstenção já me causa mal-estar físico. Assim que recomeço ele desaparece e meu espírito retorna à lucidez”.

6.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, F.J.B; PIMENTEL, C.E. *Uma aproximação semântica aos conceitos de urbano, rural e cooperativa*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Scielo, 2004.
- BAJARD, E. *Ler e dizer – compreensão e comunicação do texto escrito*. São Paulo: Ed. Cortez, 2005.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade – lembrança de velhos*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 1995, 4ª. edição.
- BRUNS, M.; HOLANDA, A. *Psicologia e Pesquisa Fenomenológica – Reflexões e perspectivas*. São Paulo: Ed. Omega, 2005.
- CHAKUR, Cilene R. S. *Contribuição da Pesquisa Psicogenética para a educação escolar*, Teoria e Pesquisa, vol. 21 nº 3, Brasília set/dez 2005.
- EYSENCK, M. W.; KEANE, M. T. *Psicologia Cognitiva. Um Manual Introductório*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FERREIRA, J. P. *Armadilhas da Memória e outros*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

Fundamentos de Neuropsicologia. Editora da Universidade de São Paulo/Livros Técnicos e Científicos e Editora S. A., Rio de Janeiro: 1981.

JUNG, C.G. *Estudos Experimentais*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

JUNG, C. G. *A Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004[1916], 15ª edição.

JUNG, C. G. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004[1934], 18ª edição.

JUNG, C. G. *Aion Estudos sobre o Simbolismo do Si-mesmo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1988[1950], 2ª edição.

JUNG, C. G. *Tipos Psicológicos*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976[1960], 3ª edição.

JUNG, C.G. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1975 [1961, 1962, 1963], 2ª edição.

JUNG, E. *Animus e Anima*. São Paulo: Editora Cultrix, 1995[1967], 10ª edição.

LURIA, A.R. *Pensamento e Linguagem – as últimas conferências de Luria*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MARTINS, J.; BICUDO, V. *A pesquisa qualitativa. Psicologia – Fundamentos e recursos básicos*. São Paulo: Editora Moraes, 1989.

MORAIS, J. *A Arte de Ler*. São Paulo: Editora UNESP, 1995.

PERINI, M. A. *Sofrendo a Gramática. Ensaios sobre a linguagem*. São Paulo: Editora Ática, 2001.

SCLIAR-CABRAL, L. *Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

SOUZA, N. T. *Representações das relações entre fala e escrita para um grupo de adolescentes e educadores da Casa dos Meninos*. Iniciação Científica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

TARALLO, F. *A Pesquisa Sócio-Lingüística*. São Paulo, Editora Ática, 1985.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1984.

7.

ANEXO

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Consentimento Livre e Esclarecido das pacientes que participam do grupo de atendimento em Saúde Mental no Posto de Saúde Vila Borges, Butantã, Prefeitura do Município de São Paulo.

Título do estudo: Auto-Retrato: uma pesquisa sobre o papel da escrita dentro do trabalho psicoterapêutico

Orientadora: Profa. Dra. Aglael Gama Rossi – Professora do Depto. de Lingüística e do Programa de Pós-Graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL). Pesquisadora do Laboratório Integrado de Análise Acústica e Cognição (LIAAC) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CIC 085.158.558-28, RG 11.169.576

Pesquisadora: Claudia Irene Loewenberg Passalacqua – Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL).

CRP 13761/06, CIC 79.069.681.820, RG 4.128.784

Declaro que os objetivos do estudo acima referido foram-me completamente explicados, por meio de contato pessoal com a pesquisadora. Foi ainda esclarecido que minha participação no estudo é livre e que poderei interrompê-la a qualquer momento, bastando para isso comunicar à pesquisadora-terapeuta. Nem meu nome nem minhas iniciais constarão dos trabalhos a serem realizados com os dados, sendo-me assim garantido o direito de confidencialidade de meus registros. Também não será citado o nome do Posto de Saúde onde faço atendimento. Contudo, concordo que as referências quanto a sexo, idade e grau de escolaridade sejam utilizadas na redação e apresentação dos trabalhos que surgirem desta coleta. Concordo também em participar do estudo e cooperar com a pesquisa naquilo que julgar conveniente.

Nome: _____ RG: _____

Assinatura: _____ Data _____

Profa. Dra. Aglael J. A. Gama Rossi

Pesquisadora e Terapeuta: Claudia Irene Loewenberg Passalacqua